

## CAUSOS DE ASSOMBRAÇÃO: TRADIÇÃO POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA

### HAUNT CAUSES: POPULAR TRADITION OF THE VALE DO JEQUITINHONHA

Elizabeth Moreira Gomes<sup>1</sup>  
Doutora em Educação  
Universidade Federal de Minas Gerais  
([elizabeth.gomes@ifnmg.edu.br](mailto:elizabeth.gomes@ifnmg.edu.br))

Lillian Gonçalves de Melo<sup>2</sup>  
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa  
PUC-Minas  
([lillian.melo@ifnmg.edu.br](mailto:lillian.melo@ifnmg.edu.br))

**RESUMO:** Neste artigo, sob o viés dos estudos culturais memorialísticos e identitários da linguagem, realiza-se a análise de ‘causos’ de assombração coletados por meio de narrativas orais oriundas em uma prática de ensino realizada com alunos do 2º ano do ensino médio do IFNMG/ Campus Araçuaí. A coleta das narrativas orais ocorreu por meio de pesquisa de campo *in loco*, em que se buscou identificar inicialmente as várias histórias que perpassam o imaginário popular (regional). Os estudantes tiveram a oportunidade de interagir com diversas práticas de linguagem, principalmente, na modalidade oral a partir de narrativas oriundas de sujeitos da região do Médio Jequitinhonha. As narrativas analisadas mostraram a representação do imaginário popular por meio da descrição de detalhes que encenam percepções, descobertas e medos. Nas narrativas percebemos a inscrição de diversas vozes sociais, o que corrobora para a observação de um fazer coletivo por meio da memória, em que foram identificados elementos pertencentes às narrativas, tais como: tempo, espaço e religiosidade. As narrativas demonstraram as crenças arraigadas na cultura do Vale do Jequitinhonha, tecidas como um simulacro das vivências dos sujeitos que ouviram ou experienciaram momentos de assombração existentes no imaginário popular. Ao final da pesquisa concluímos que práticas de linguagem envolvendo narrativas orais são de suma importância para compreendermos a memória cultural de um povo, as análises realizadas demonstraram a diversidade de vozes sociais e práticas culturais plurais no Vale do Jequitinhonha.

**Palavras-chave:** Práticas da Linguagem. Identidade Cultural. Imaginário Popular. Narrativas orais.

**ABSTRACT:** In this article, under the bias of memorialistic and identity cultural studies of language, we aim to analyze ghost stories (causos de assombração) collected through oral narratives from a teaching practice conducted with students of the 2nd year of high school at IFNMG / Campus Araçuaí. The collection of oral narratives occurred during field research in loco, in which it was sought to initially identify the various stories that permeate the popular (regional) imagination. Students had the opportunity to interact with various language practices, mainly in the oral modality based on narratives from subjects of certain region, named Médio Jequitinhonha. The analyzed narratives showed the representation of the

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG/ Campus Diamantina.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3711-1663>.

<sup>2</sup> Professora do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG/Campus Araçuaí.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3558-8409>.

popular imagination through the description of details that stage perceptions, discoveries and fears. In the narratives we perceive the inscription of several social voices, which corroborates the observation of a collective action through memory, in which elements belonging to the narratives were identified, such as: time, space and religiosity. The narratives demonstrated the beliefs rooted in the culture of the Vale Jequitinhonha, woven as a simulacrum of the experiences of the subjects who heard or experienced the supernatural, existing in the popular imagination. At the end of the research we concluded that language practices involving oral narratives are of paramount importance to understand the cultural memory of a people, the analysis carried out demonstrated the diversity of social voices and plural cultural practices in the Vale do Jequitinhonha.

**Key words:** Language Practices. Cultural Identity, Popular Imaginary, Oral narratives.

## Introdução

Esta pesquisa é oriunda de uma prática de ensino, pesquisa e extensão pertencente ao projeto Literartes, desenvolvido, desde o ano de 2017, no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG/ Campus Araçuaí. Esse referido projeto promove a Arte e a Literatura por meio de diversas linguagens orais e escritas, tais como: teatros, poesias, narrativas, vídeos, oficinas, dentre outras. O protagonismo das ações do Literartes compete aos discentes dos cursos técnicos (Agrimensura, Agroecologia, Informática e Meio Ambiente) do IFNMG/ Campus Araçuaí, são realizadas práticas orientadas por docentes que compõem a equipe de linguagens dessa referida instituição.

Os casos de assombração analisados neste artigo foram oriundos de análises linguísticas com discentes do 2º ano do curso técnico integrado ao Ensino Médio, no ano de 2019. O foco dessa prática foi o resgate ao imaginário popular por meio de narrativas que são (re)contadas, geralmente, por pessoas mais velhas. Trata-se de narrativas oriundas de ficções da memória que também representam uma “realidade” vivida pelos protagonistas dessas narrativas. Conceição Evaristo (2019, p. 10), ao escrever sobre essa memória de ficção, diz que “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção”.

Para Evaristo (2019), a invenção reside no momento em que há o (re)conto das histórias como uma necessidade de cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Desse modo, a prática com essas narrativas é um meio de lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada, pois são as lembranças de momentos ora vivenciados, ora ouvidos em contextos sociais do passado. Cabe destacar que o ato

de narrar causos foi uma prática muito usual até o advento da tecnologia (nesse caso, principalmente, a televisão), porém, os causos ainda despertam curiosidades e atenção do público. Outrossim, torna-se necessário incentivar essa prática em contextos sociais diversos, principalmente nas instituições de ensino devido ao seu caráter formativo e social.

Destarte, o objetivo deste estudo é investigar as diversas vozes sociais inscritas nas narrativas e demonstrar como esse fazer coletivo - existente nas narrativas orais - é estruturado a partir das relações de tempo, espaço e religiosidade pelo viés do imaginário como modo de constituição da cultura popular do Vale do Jequitinhonha. Para isso, utilizamos preceitos teóricos dos estudos da linguagem propostos por Bakhtin (2010) e as indagações sobre memória e identidade tecidos por Pollack (1992) e Benjamin (2012), dentre outros estudiosos dos fenômenos da linguagem sob o viés da memória cultural e identitária.

Partindo desses objetivos traçados, este estudo visou indagar a seguinte problemática: Por tratar-se de (re)conto e (re)criação de práticas orais, como ocorrem os fenômenos pertencentes às narrativas inscritas nos causos de assombração? Na próxima seção apresenta-se a metodologia e as categorias analíticas adotadas.

### **Metodologia e categorias de análise**

Adota-se - como corpus de investigação - narrativas orais coletadas em visitas *in loco* realizadas pelos discentes do 2º ano do curso técnico em Agroecologia integrado ao Ensino Médio do IFNMG/Campus Araçuaí. A escolha pelas narrativas orais justifica-se pelo fato de que são formas de construção discursivas presentes em conversações ordinárias.

A região do Vale do Jequitinhonha, por exemplo, é uma região cuja tradição oral ocorre de forma significativa. Assim, são comuns 'negócios' serem fechados a partir do empenho da 'palavra' (oral), compromissos são assumidos dessa mesma forma, bem como a presença de contadores de causos e de histórias, que possuem na região significativa importância.

Ademais, o distanciamento (geográfico) da região do Jequitinhonha de centros maiores de produção e/ou formação torna propícia a continuidade/manutenção de tradições orais e a 'permanência' de interações face a

face. Além disso, as relações geracionais estabelecidas no Vale do Jequitinhonha também podem se constituir elementos catalisadores que propiciam a permanência de determinadas práticas discursivas, dentre elas: as famílias - constituídas via de regra por pais, mães, avós, tios e tias - cujas casas são muito próximas, quando não no mesmo espaço (casa), ou, às vezes, as casas dos filhos (agora casados e com famílias) são construídas nos terrenos dos pais. Assim, essas proximidades constituem-se fatores que 'facilitam' as interações geracionais e, certamente, estabelecem outras relações entre membros de uma mesma família, cujas interações, em sua maioria, ocorrem a partir de práticas orais.

Nesse sentido, justifica-se a presença não apenas da escolha dessa tipologia textual (predominante), mas, sobretudo, destaca-se a presença dessa prática discursiva em espaços além do escolar. O que se buscou, pois, neste trabalho, foi evidenciar e resgatar práticas discursivas presentes nas cidades/regiões do Jequitinhonha e como tais práticas 'resguardam', reconstroem e ressignificam práticas anteriores presentes no imaginário popular.

Teoricamente, defende-se que as narrativas apresentam normalmente uma estrutura, composta de apresentação, desenvolvimento (enredo), clímax e desfecho; além de apresentarem elementos constitutivos, quais sejam: o fato, o tempo, o espaço, as personagens (pessoas), o como e o porquê. Esses elementos e essa estrutura - mais ou menos 'determinada' para efeitos da construção de narrativas - estão presentes em maior ou menor escala.

Embora haja, do ponto de vista dos estudos de linguagem, uma abundante literatura sobre questões relativas tanto ao gênero como às tipologias textuais, neste artigo não nos ateremos a tais discussões. Apenas parte-se do pressuposto que é notória a intergenericidade e a hibridização de textos. Afirma-se que, nas produções a serem analisadas, esse fator ocorre dadas às situações comunicacionais para esse tipo de produção discursiva.

Dessa forma, reconhece-se a predominância de uma tipologia textual, embora não se afirme sua existência 'pura'. Ao contrário, parte-se do pressuposto que a intergenerecidade e a hibridização se aliam às tradições fortemente orais de modo a constituírem forma e conteúdo dos textos em análise. Se há uma estrutura canônica

posta em circulação (discursiva), nela há como objetivos a construção de um texto de circulação social, muito mais próxima da oralidade do que da escrita.

Bakhtin (2010, p. 261) enfatiza que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Essas condições de uso ocorrem em campos de atividade humana multiformes por meio de enunciados que refletem as condições específicas e as finalidades desse campo de comunicação da atividade humana.

Além disso, essa mesma forma de construção mescla conteúdos variados, (re)apresentando de forma mais ou menos dissimulada um conjunto de representações, de simulacros que permitem a emersão de tradições sociais, culturais, religiosas e até mesmo linguísticas, presentes nas sociedades que ainda mantêm “fortes ligações” com as práticas orais. Dessa maneira, acredita-se que há ‘véus’ para ‘desvelar’ tradições, recriando-as. Cabe ressaltar que Bakhtin (2010, p. 268) destaca o aspecto cultural presente nos gêneros discursivos e enfatiza que eles são “correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”.

Para efeitos deste estudo foram priorizadas/construídas categorias de análise que se relacionam tanto à estrutura das narrativas, especialmente em sua forma de construção do desenvolvimento (enredo) na proposição do clima de mistério e de envolvimento com o leitor, quanto em relação aos seus elementos constitutivos. Destarte, as seguintes categorias que balizarão as análises são: (i) o tempo dos acontecimentos; (ii) o espaço das narrativas; (iii) a religiosidade presente que se revela dentre outras formas a partir da explicitação da necessidade de expiação do(s) personagem (personagens) e como esses elementos constituem parte da construção do enredo e, ao mesmo tempo, se fundem à qualificação dos personagens envolvidos nas tramas, compondo um cenário de medo e mistério presentes nas narrativas.

Para efeitos de análise, também se denomina as narrativas como sendo “A - A Casa”, “B - A Freira” e “C - O Baú”. Adota-se os termos: versão original/transcrita para as narrativas orais gravadas pelos alunos e transcritas conforme foram contadas pelos sujeitos participantes; e a transcrição para as narrativas orais recriadas/apropriadas pelos alunos a partir do contato com a versão original/transcrita.

## **Análise em narrativas orais**

Ao analisar os elementos de uma narrativa, sabe-se que alguns textos pertencentes a essa tipologia apresentam o espaço como sendo um deles. Em histórias de suspense, por exemplo, a caracterização do espaço - revelada muitas vezes como lugares distantes, escuros e pouco frequentados - é constante. Há, de modo geral, uma preocupação do(s) autor(es) em apresentar as peculiaridades do 'lugar' onde ocorrem os fatos narrados, constituindo-se o cenário, em algumas narrativas, como elemento principal para a construção do suspense.

Nesta pesquisa, o espaço torna-se uma categoria fundamental, dada as especificidades dos 'causos' narrados. Ressalte-se que o objeto da presente análise são 'casos', cujas origens remontam não apenas a um tempo passado, mas também a um local determinado, específico dentro da cidade.

Desse modo, o espaço apresenta, nas narrativas orais em análise, um aspecto fundamental na produção de sentido(s), ao mesmo tempo em que 'singulariza' o fato narrado. Nesse sentido, pode-se dizer que há uma 'apropriação' da história por determinado grupo, por determinada cidade, uma vez que as histórias contadas, embora possuam uma certa semelhança, diferenciam-se na descrição dos lugares, ou seja, muitos mineiros já ouviram a narrativa da "Loura do Bonfim" (que aparecia sempre perto do cemitério do Bonfim em Belo Horizonte-MG), mas, em várias outras cidades, há versões que, apesar de serem semelhantes, a descrição do cenário adquire diferenciações.

Ao abordar essa pluralidade de significações que as narrativas podem adquirir, Moita Lopes e Fabrício (2002) explicam que a linguagem é constitutiva da vida social e enfatizam que as práticas discursivas (como as narrativas analisadas) mostram identidades sociais inseridas em um contexto de multiplicidade, do dinamismo em que essas histórias/estórias são revestidas de importância e significações diversas, que são incitadas pela memória e projetadas em narrativas.

Seguindo essa mesma proposta, Pollack (1992) afirma que a memória é um fenômeno construído social e individualmente, além de estabelecer uma ligação fenomenológica estreita entre a memória e a identidade. Cabe ressaltar que a memória deve ser entendida como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes, mas sempre haverá

marcos invariáveis e imutáveis com vista a preservar o legado histórico e cultural. A memória, dessa forma, é uma parte herdada a partir de uma construção de linguagem coletiva nos espaços sociais.

Assim, as histórias orais - narradas e selecionadas neste trabalho - guardam semelhanças com 'outras' histórias ocorridas em outros lugares. Daí que - a especificação do 'lugar' e a ênfase dada ao cenário - são elementos fundamentais para o que aqui está a se denominar como apropriação da narrativa. Nos trechos abaixo, há referências aos espaços/cenários apresentados nas histórias, observe:

(1) Nós fomos morar numa casa lá na Vagem Cumprida. Essa casa era bem grande, pois ela era usada para aprisionar e torturar escravos. Morávamos só na metade da casa, a outra ficava fechada. (Versão original/transcrita - Texto A - A Casa)

(2) Nós nos mudamos para uma grande casa, na região da Vagem Cumprida. Essa casa não possuía uma boa história... Dizem que antigamente ela era utilizada para aprisionar e torturar escravos. Por algum tempo que ninguém sabe, essa casa era dividida em duas partes, eu e meu marido morávamos em uma delas, já a outra nem sabíamos o que havia lá." (Transcrição dos alunos - Texto A - A Casa)

(3) Era uma noite no ano de 1945... A cidade, Araçuaí (MG). Ali existia uma mulher muito bela, dona de um coração muito bom. Era uma freira que despertava a curiosidade de todos que a viam (Versão original/transcrita - Texto B - A Freira).

(4) Fazíamos parte de uma equipe caça-fantasmas da região, estávamos sempre em casas que possivelmente, segundo os moradores, que viviam próximos a elas constataram diversas aparições. [...] Chegamos ao local. Quanta escuridão. [...] Moradores diziam que costumava aparecer naquela região, uma mulher com os cabelos bagunçados, roupa branca e muito pálida.(Transcrição dos alunos -Texto B - A Freira).

(5) Quando eu era criança, o meu pai tinha um baú, e como criança é muito curiosa, eu ficava muito curioso para saber o que tinha tanto naquele misterioso baú, pois ninguém mexia, apenas o meu pai (Versão original/transcrita -Texto C - O Baú).

(6) A minha infância teve vários momentos marcantes, um deles é a história com o velho baú do meu pai. Ele sempre teve aquele pertence, mas não podíamos sequer tocá-lo, correndo risco de surra (Transcrição dos alunos -Texto C - O Baú).

Observe, nos trechos citados, que compõem a introdução/apresentação das narrativas, inicialmente, há localização do(s) espaço(s) em que os fatos ocorreram. O exemplo (1) é a produção original/transcrita (recolhida pelos discentes na visita *in loco*), nota-se a forma explícita dos espaços da narrativa: 'Vagem Cumprida' - trata-se de uma comunidade (um povoado) relativamente distante da cidade de Araçuaí e a

história localiza-se em uma ‘casa’. As adjetivações em relação à casa- ‘grande, lugar onde se torturavam escravos’- iniciam a construção do suspense em relação ao local em que acontecerão as assombrações.

Além disso, a ‘casa era tão grande que morávamos só na metade da casa’. Essas referências espaciais, da forma em que aparecem no exemplo (1), desconstroem as percepções de ‘lar’, lugar de segurança e afeto, pois estabelece uma significação de ser simplesmente um lugar onde é possível morar e apresenta esse espaço com um aspecto sinistro, quer pelo tamanho, quer pela aparência de abandono.

Outro aspecto importante é a retomada do local ‘casa’ como um ambiente que irá abarcar os horrores das ações que aconteceram no passado. Nota-se que, no imaginário popular dos causos de assombração, há diversas narrativas cujos locais de medo são casas ou casarões em que, no passado, ocorreram acontecimentos ‘monstruosos’ como massacres, torturas, dentre outras ações de crueldade.

No caso ‘B’, no exemplo (4), percebe-se que o espaço do acontecimento é marcado com a presença da escuridão, representação ideal para as manifestações de assombração. Nota-se a incitação, recorrente em vários causos de assombração, da presença de uma bela mulher, que aparece à noite, pálida, vestida de branco que incita, no imaginário popular, a “Loura do Bonfim”. Trata-se de uma mulher que morreu antes do tempo e, em virtude disso, sua alma vaga no local em que foi morta. No trecho da versão original/transcrita - exemplo (3) - há uma marcação cronológica - 1945, para dar maior veracidade às informações. Na transcrição realizada pelos alunos - exemplo (4) - o enunciado é construído a partir do discurso de outrem ‘dizem os moradores’, cabe ressaltar que essa estratégia discursiva de uso do discurso de outrem é recorrente em causos, pois não atribui ao enunciadador a responsabilidade pelo dizer.

No exemplo (5), no caso ‘C’, a marcação temporal ocorre através da memória da época da infância. No caso original/transcrição há o marcador temporal “quando eu era criança” e na transcrição, exemplo (6), apenas refere-se a essa época “na infância”. O local é a casa dos pais - nota-se essa representação do local onde ocorrem os fatos, além de situar o ouvinte de que esse ‘causo’ ocorreu em um ambiente familiar.



Nessa perspectiva, os espaços representam, a partir das descrições/adjetivações, um ambiente assustador e de aspecto aterrorizante. Tais descrições aprofundam o cenário de mistério. Esse aspecto é construído também a partir da incorporação dos tempos das narrativas que contrapõem o passado e o presente, estabelecendo um 'jogo' de antagonismos entre eles, que vão além do tempo propriamente dito.

Retome-se, ainda, a título de exemplificação, no exemplo (3), essa marcação temporal - "Era uma noite no ano de 1945... A cidade, Araçuaí (MG)...". O tempo pretérito, insinua, sugestiona um passado muito distante e pode ser lido, considerando algumas perspectivas marcadas pela marcação temporal e a cidade do acontecimento. A forma de contar reproduz, em certa medida, uma estratégia da língua escrita, uma vez que encena o tempo de forma mais exata 'uma noite do ano de 1945'. A forma de contar incita - ao caráter temporal - certa ambiguidade, pois, embora defina o ano, deixa indefinido o dia 'uma noite do ano de 1945'. Em **A cidade, Araçuaí** a elipse do verbo, neste caso, é um recurso de estilo em que o narrador estabelece um distanciamento com o fato narrado.

Há que se observar que a cidade de Araçuaí foi fundada em setembro de 1871, o que implica que a cidade possui 149 anos, o que para uma cidade significa ser relativamente jovem também, reforçando o distanciamento. Esse 'clima' de distanciamento é também ressaltado pelo recurso da pontuação, neste caso, o uso de reticências. Tal 'artifício' (reticências), embora do ponto de vista da normatividade da língua seja usado para indicar a suspensão do pensamento, no contexto de uso do texto, imprime um ritmo à narrativa, que é o 'tempo narrado', o tempo da oralidade, da lentidão de uma relação temporal, transportando o leitor para um passado longínquo... à moda do 'era uma vez', frequente em contos de fada, cuja tradição é também oral.

Por fim, ressalte-se que os fatos acontecem, normalmente, à noite. A escuridão, o silêncio da noite emprestam um caráter de mistério, de suspense ao texto, realçando o imaginário popular. A noite representa - com sua escuridão - os segredos, os mistérios que se quer constituir/realçar. Tradicionalmente, a noite nas narrativas populares é quando 'tudo' acontece. Em relatos orais, a presença da noite significa o momento das criaturas que causam medo. Tal tradição é mantida nos relatos orais - originais/transcritos e também é mantido nas transcrições construídas pelos alunos.

Ainda em relação à questão das temporalidades presentes nos textos, na transcrição realizada pelos alunos, a história faz uso de uma estratégia diferenciada em relação às questões temporais. Observe-se o trecho abaixo:

(7) Deixamos tudo para a última hora depois de ter esperado uma das integrantes...

18:30,

18:50,

19:30,

19:50,

20:00.

Chegamos ao local. Quanta escuridão (Transcrição dos alunos - Texto B - A Freira).

O recurso gráfico utilizado pelo grupo de estudantes - em sua transcrição - considera o espaço em branco da folha, no sentido de que, ao colocar o indicativo das horas no centro da folha evidenciando os tempos de 10 em 10 minutos, empresta à narrativa certa ansiedade, o que corrobora para um clima de suspense. Quando se está nervoso, o tempo não passa, ou demora a passar e o fato de se colocar as especificações das horas em posição central e, em uma sequência temporal relativamente curta, demonstra o nervosismo das personagens em relação aos fatos. Evidencia-se, nesse sentido, a apropriação da narrativa. A subjetividade presente nesse trecho é 'modernizada', de modo a encenar o 'hoje' inter-relacionando-o com um tempo passado.

É interessante observar também a forma de transcrição textual utilizada pelo mesmo grupo de alunos:

(8) Fazíamos parte de uma equipe **caça-fantasmas da região**, estávamos sempre em casas que possivelmente, segundo os moradores, que viviam próximos a elas, constatavam diversas aparições” (Transcrição dos alunos -Texto B - A Freira - grifo nosso).

No exemplo (8), ao iniciar o texto desse modo, nota-se uma apropriação do relato oral em uma perspectiva contemporânea. Nota-se a interdiscursividade marcada pelo discurso 'caça-fantasmas' fazem alusão ao filme americano - de mesmo nome, originalmente gravado em 1984, mas que teve uma 'regravação' (reboot) em 2016. Portanto, um filme que atravessou gerações.

Perceba que o fio inicial da narrativa é apresentado, nesse exemplo (8), tendo em vista uma gravação cinematográfica; o que evidencia a interdiscursividade

recriado com o filme citado de 1984 e 2016. Tal apropriação é demonstrada também porque se trata de uma equipe de gravações (cinema), o que torna interessante o paralelo estabelecido pelo grupo por meio da união entre um 'relato' cinematográfico e os relatos tradicionais. Daí percebe-se a manutenção/integração entre dois tempos distintos: a história inicial apropria-se de uma 'roupagem' mais contemporânea revisitada pelo cinema.

O espaço, conforme se procurou demonstrar é, normalmente, um espaço distante de aglomerações e, às vezes, praticamente abandonado. Nas narrativas apresentadas - "A" (A Casa) e "B" (A Freira) - os espaços são uma 'casa' e uma 'igreja'. Ressalte-se que esses espaços apresentam aspectos em comum.

Além dessas características de localização, os espaços aparecem como o lócus de 'expição'. Veja-se, por exemplo, a localização da casa/igreja e suas características. No caso "A" (A Casa - versão original/transcrição) percebe-se como é descrita "(...) era utilizada para aprisionar e torturar escravo" e, no caso "B" (A Freira - transcrição dos alunos) tem-se "Certo dia, essa mulher desejou entrar em uma igreja abandonada que chamava muito sua atenção pelos aspectos rústicos" - nota-se que as narrativas encenam um convite para essa 'expição', pois na primeira há um contexto histórico que desperta a curiosidade pelos acontecimentos e no segundo caso incita a curiosidade pelo fato de ser um local abandonado com aspectos rústicos que também remontam a ideia de uma história do passado, antiga.

Os ambientes relacionados apresentam algumas 'marcas' de um passado distante, mas que 'mantêm' - de alguma forma - uma espécie de expição, de dívida a ser paga, de marcas históricas do passado. Algum 'resgate' precisa ser feito em relação aos lugares, o que de certa forma conecta os aspectos da religiosidade e cultura popular aos lugares (cenários) marcados nas narrativas.

Os momentos de "terror" dos casos são marcados nas narrativas por meio das aparições que ganham aspectos simbólicos de representações de elementos religiosos que guardam relações com o simbólico-sagrado, desencadeando, ou melhor, (re)apresentando a dicotomia contida na 'velha' luta do bem contra o mal. Observem-se os exemplos:

- (9) Quando chegava à noite, barulhos na outra casa começavam... eram gemidos altos, muitas vozes conversando, era perturbador. Eu acendia o fogão a lenha, o lampião, porque na época não tinha energia

elétrica e sentava na cozinha esperando Beltrão chegar. (Versão original/transcrição - Texto A - A Casa)

(10) Ouviam-se muitos barulhos, gritos, gemidos altos e vozes estranhas que não paravam por um minuto, o lugar era realmente assombrado (Transcrição dos alunos -Texto A - A casa)

(11) Ela cai no chão, em seguida vê uma sombra rodeando-a... a figura de um ser desconhecido aparece, ela começa a tremer, a figura vem para cima dela...! (Versão original/transcrição - Texto B - A Freira).

(12) As folhas estavam voando violentamente, as árvores pareciam mostrar algo. A câmera virou sozinha? Quando olhamos na direção em que a câmera apontava, algo foi revelado. Uma mulher. Pálida. Cabelos bagunçados. Não é possível! (Transcrição dos alunos - Texto B - A Freira).

(13) Ficava muito curioso para saber o que tinha tanto naquele misterioso baú, pois ninguém mexia, apenas o meu pai. (versão original/transcrição -Texto C - O Baú).

(14) Eu, curioso, abri o baú, apesar de não conhecer nada do que tinha a minha frente. Fiquei assustado, eram coisas muito estranhas. Senti um arrepio subir pela espinha. (Transcrição dos alunos - Texto C - O Baú).

Perceba que, em todos os trechos acima há uma encenação “clássica” das narrativas de terror, um simulacro de momentos íntimos aterrorizantes, pois, no espaço sombrio, de pleno silêncio da noite, ocorrem as aparições, os sons e gemidos, uma encenação intersemiótica. No caso ‘C’, exemplo (14), o simulacro do contexto de assombração dar-se-á em virtude de o personagem realizar uma ação escondida, proibida com o intuito de realizar o contato com um objeto misterioso. Perceba que, no decorrer dos casos, também é comum em narrativas já conhecidas, a presença de objetos que possuem valores e significados muito pessoais, estabelecendo com o seu dono uma peculiaridade que fomenta a curiosidade do imaginário popular, tais como: baús, caixas, bonecas, quartos, espelhos, palhaços, dentre outros.

Cabe ressaltar também a religiosidade existente nos casos, aspecto pertencente a cultura local, principalmente, o Vale do Jequitinhonha, que é expresso pelas representações cristãs, benzedeadas, rezadeiras, curandeiras, dentre outras manifestações religiosas que, embora ocorram em todo o país, na região do Vale do Jequitinhonha essas manifestações representam movimentos de resistência cultural. Observe os exemplos abaixo:

(15) A mãe, preocupada com a irmã, resolveu mesmo com medo entrar na igreja. Entrou e encontrou a freira. Mas a freira já estava possuída e começou a torturá-la. Passaram-se dias...Coisas estranhas começaram a acontecer na cidade, o medo se alastrava,

mortes, e torturas em diversas pessoas começaram a acontecer...Nossa freira não se lembrava de nada disso, e não dava muita importância aos fatos...Um dia, o padre que fazia parte da mesma paróquia, notou estranhamento no comportamento da freira e começou a investigá-la. Ele já conhecia esse tipo de comportamento, acabou descobrindo que ela estava possuída, a freira descobrindo que o padre estava planejando forma de exorcizar o demônio, matou-o, em seguida cometeu suicídio. Após esse dia, até mesmo nos dias de hoje sua alma ronda o mesmo local. (Versão original/transcrição - Texto B - A Freira).

(16) Tempos passaram, e meu pai veio a falecer, meu irmão então me entregou o baú dizendo que era o desejo do meu pai. Para ser sincero, ainda tinha muita curiosidade em relação àquelas coisas que havia lá dentro. Eram 3 peixinhos mortos, um aparelho que segundo o meu pai que se enchesse um copo de cachaça e jogasse lá dentro, o aparelho sumia com a cachaça, e para mim era apenas um cabo verde com algumas moedas. Quando cresci eu abandonei aquilo, me peguei lendo a bíblia. Mas não o joguei fora, mas não tem utilidade. Até hoje não sei o que eram aquelas coisas, e para que serviam (versão original/transcrição - Texto C - O Baú).

(17) Com o tempo descobri que cada objeto do baú tem uma função e um espírito. Quando me pediram para divulgar os fatos, tive que pedir autorização deles, mas eles só me permitiram falar e ainda assim... eles acompanham quem lê ou ouve essa história (Transcrição dos alunos - Texto C - O Baú).

No caso 'B', ilustrado no exemplo (15), há valores cristãos como a empatia, percebe-se uma prática muito recorrente no universo da religiosidade e nas narrativas de assombração, que são os casos de possessão demoníaca. Além disso, há novamente a alma penada de uma pessoa que morreu antes do tempo, elementos que pertencem à religiosidade popular, principalmente, em cidades mineiras, pois os sujeitos apegam-se a costumes pertencentes às narrativas de seus antepassados, cujos preceitos envolvem o imaginário popular e tornam-se verdades pautadas na religiosidade do povo, marcada pelas rezas, missas, novenas e velas acendidas para ajudar as almas penadas a descansar em paz.

De modo diferente, no caso 'C' - exemplo (16), a religiosidade está presente por meio do objeto, que também pertence a religiosidade popular, cujo apreço dar-se-à determinados objetos como um membro ou objeto sagrado naquele contexto familiar. Perceba que o 'baú' é o elemento sagrado da casa, proibido para todos, somente o dono poderia abri-lo, por esconder ali um suspense inimaginável.

No exemplo (16), o período da infância do narrador é marcado pelo suspense de abrir o baú e ganhar o direito de posse do objeto após a morte do pai. Ao se deparar com o conteúdo do objeto, na fase adulta, o personagem mostra desconhecimento,

um conteúdo estranho. A religiosidade, além da crença no objeto, está também presente na inclusão da bíblia, mas mostra o quanto a mudança da fé em outro objeto (bíblia) tornou o conteúdo do baú insignificante.

Esse fator inscreve no caso e preocupação de muitas comunidades culturais no processo de aculturação em relação à religiosidade, pois, ao mudar os rumos da fé, o legado cultural e religioso dos antepassados torna-se insignificante, há um apagamento cultural. Para o pai do personagem, o baú era o local que, na cultura popular, é usado para guardar objetos de valor, ou seja, 'os peixinhos e o aparelho que enchia o copo de cachaça' representavam um verdadeiro tesouro para o pai. Entretanto, para o filho é insignificante, pois apregoa sua religiosidade ao objeto 'bíblia'.

Ao abordar os estudos de Walter Benjamin (2012), Borges (2017) afirma que a narrativa é conectada à experiência, trata-se de uma maneira de revalorizar essa narrativa em tempos adversos. Outrossim, é preciso garantir a apropriação da significação dessa narrativa, de modo que ela seja capaz de despertar a atenção de um apreciador contemporâneo, possibilitando que esse fazer social e cultural possa ir além do interesse histórico e estético. Esse fator reafirma a importância da inserção das narrativas orais em ambientes de ensino e aprendizagem, pois é preciso demonstrar a importância desses valores culturais expressos por meio das narrativas orais, cujos saberes remontam práticas pertencentes a cultura popular local, a fim de estabelecer um elo entre o passado e o presente. Além disso, promove a relação de pertencimento desses saberes com os sujeitos do contexto hodierno, para que eles percebam a necessidade de preservação e continuidade dessas práticas culturais orais. Desse modo, os casos continuarão sendo recontados e recriados no decorrer dos anos.

Borges (2017) ainda enfatiza que as narrativas contribuem para que haja um rastro para se chegar a tradição, pois as narrativas são a escritura da experiência, estabelecendo uma 'ponte' por meio da memória com o legado do esquecido. No exemplo da narrativa 'C', o fato de rememorar advém da infância, do contato com o pai e do pacto familiar acordado em 'não abrir o baú', visto que era um objeto íntimo do pai, um segredo e um tesouro.

No exemplo (17), que traz a transcrição do caso “C” realizada pelos estudantes, a religiosidade está inscrita na manifestação de espíritos que habitavam o baú. Esse exemplo rememora vários casos de assombração em que os objetos são amaldiçoados por possuírem entidades que habitam esses recipientes. Além disso, percebe-se também como um elemento da religiosidade estabeleceu com o personagem da narrativa um pacto de servidão, pois era preciso permissão do narrador para poder falar sobre essa história, aspecto muito presente em diversos contextos de fé.

Destaca-se que o homem é um ser de cultura, sendo assim, um construtor e ‘interpretante’ de religiões. Nesse sentido, a religião pode ser uma linguagem que o ser humano faz uso para explicar as atividades de produção e relações na sociedade, ou seja, uma sistematização de elementos simbólicos que constrói uma noção sobre o mundo. Do ponto de vista material/social funciona como uma forma de linguagem que dá nome às coisas e se torna uma fonte de explicação aceita pelas pessoas sobre o mundo em que elas vivem, marcando crenças e tradições.

Desse modo, ao investigar a religiosidade popular, nota-se uma pluralidade de significâncias e diversas possibilidades. Uma delas pode ser, por exemplo, a atribuição a ‘objetos’ (espaços físicos) como espaços do sagrado; daí que investigar a(s) religiosidade(s) implica pensar nas tentativas de conectar-se ao sagrado. Ressalta-se as ligações com o sagrado assumem, em diferentes contextos, variadas formas; seja a partir de visões sobre o milagre, seja em uma perspectiva de reunião com o sagrado.

De acordo com Brandão (2007, p. 28), o milagre popular é a “mostra de feitos simples de trocas de fidelidade mútua entre o sujeito e a divindade, não sendo a quebra, mas sim a retomada da ordem natural das coisas”, a religião popular para esse autor teria a função de reelaborar o saber sagrado em um trabalho de reconquista simbólica com o objetivo de popularizar a hierofania. A esse respeito, Eliade complementa que:

A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema que é, para um cristão a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem

diferente” [...] em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano” (ELIADE, 2008, p. 26).

Percebe-se um sistema de símbolos que estabelecem relações com o sagrado - também - a partir de objetos/espços, elementos da natureza (árvores, rios...) que se revelam a homens e mulheres contemporâneos, de modo a ‘recuperar’ a etimologia da palavra religião, não como *relicare* (religar), mas como *relligio* (reunir de novo); pois, embora seja uma sutil diferença, no primeiro caso, *relicare* pressupõe uma relação com algo externo, fora do homem, enquanto *relligio* invoca uma relação com algo interno ‘re-unir’ algo que foi separado, mas que um dia esteve unido.

Isso implica conceber o sagrado em relação direta com o homem, em seu interior e não como algo externo a ele. Portanto, a hierofania presente nos ‘causos’ populares manifesta-se a partir de relações do ‘homem comum’, profano, com o sagrado, que nesta pesquisa, se manifesta em lugares como a casa, a igreja ou outro objeto como na narrativa intitulada “O Baú”. Cassirer destaca que:

O conhecimento humano seria por sua própria natureza um conhecimento simbólico, a razão é um termo muito inadequado com o qual se compreende as formas da vida cultural do homem em toda sua riqueza e variedade. Mas todas essas formas são formas simbólicas. Logo, em vez de definir o homem como animal rationale, deve-se também o definir como animal symbolicum, ou seja, o homo symbolicus expressa a mediação das formas simbólicas na atribuição de sentidos, onde o mesmo faz com que a realidade seja formulada e compreendida através da mediação do símbolo (CASSIRER, 2005, p. 50).

As narrativas, desse modo, atravessam o tempo e o espaço, pois, embora muitas incitem causos já conhecidos, sempre haverá um detalhe, um elemento cultural local característico que irá inscrever o caso àquela região. Borges (2017) apud Benjamin (2012) defende que, na concepção da relação entre memória e narrativa, uma das características principais é a comunicação com o tempo, promovendo significados para as interpretações congruentes ao encaminhamento das épocas, cujas peculiaridades as narrativas procuram relacionar.

Diferentes povos e culturas têm modos próprios de construir e validar suas explicações de mundo, que foram elaborados ao longo do tempo, com inter-relações com aquelas culturas que lhes são contemporâneas, conforme os estudos de Ginzburg (1989). Para Bruner (1998), a narrativa é um modo de pensamento que se



apresenta como princípio organizador da experiência humana no mundo social, do seu conhecimento sobre ele e das trocas que com ele mantêm os sujeitos. Esse modo de compreensão das narrativas ajuda a entender a força que elas têm nas culturas em que surgem e se desenvolvem. É em Geraldi e Lima (2015, p. 22) que se encontram as elucidações necessárias às discussões apresentadas:

Toda vez que uma história é contada, ela é recriada tanto no universo do narrador quanto no de quem escuta. O acontecimento discursivo (FOUCAULT, 1997) não é o que se diz, mas o retorno do que se diz, “movimento mesmo da linguagem, onde as ‘coisas’ só estão presentes porque não estão aí enquanto tais, mas ditas em sua ausência” (GAGNEBIN, 1999, p. 5).

Além disso, pode-se, certamente, afirmar que - a cada reconto - há uma reconstrução da narrativa e das experiências ‘vivas’ são renovadas no novo (re)contar dos diferentes sujeitos que delas se apropriam. Assim, a experiência de quem conta/reconta é ‘reproduzida’, ampliando a “bagagem” de quem conta e ‘reconta’ e também de quem escuta. Esse conhecimento da cultura e identidade popular representa a “bagagem”, termo defendido por Geraldi e Lima (2015), que significa ‘ter trilhado muitos caminhos, ajuntado muitas observações, colecionado muitas histórias, dedicando-se a perscrutar indícios, encontrar marcas, a “ler os sinais”’.

Assim, trazer essas experiências de mundo, de diferentes sujeitos para o interior da escola, pode também contribuir para a ampliação de concepções diferenciadas, não apenas no que tange às relações com as oralidades; mas, sobretudo, implica trazer para o ‘centro do palco’ formas diferentes de ver, ler e sentir o mundo.

### **Considerações finais**

Do ponto de vista linguístico, este trabalho significou ‘um mergulho’ em outras realidades, pois ampliou conhecimentos, formas de dizer de estudantes jovens, aproximando-os de outras gerações, ao mesmo tempo em que trouxe - para o contexto de sala de aula - outras experiências, outras culturas, o que enriqueceu sobremaneira as formas de ensinar/aprender.

Por fim, do ponto de vista ético, a recolha de ‘causos’ representa ir além da possibilidade de intercambiação cultural, porque contribuiu para o desenvolvimento

do respeito aos diferentes sujeitos e às diversas culturas, rompendo dicotomias entre as dessemelhantes formas de saber e de analisar o mundo.

O narrador, como um representante de uma cultura, passa a ser visto como alguém detentor de uma 'bagagem', de um repertório cultural. Nesse sentido, esse narrador passa a ser visto ainda como um tipo de 'memorialista popular' que, na região do Médio Jequitinhonha, adquire significativa importância.

No decorrer deste estudo foram analisadas narrativas orais pertencentes aos casos de assombração coletados por alunos do ensino médio integrado do IFMG/Campus Araçuaí, através de uma pesquisa *in loco*. As narrativas orais demonstraram a riqueza cultural e memorialística presente a partir de discursos que encenam espaços de assombração, cuja interdiscursividade com outros casos de terror/assombração é recorrente.

O tempo da narrativa está presente nos casos - seja por meio de um tempo cronológico como o caso 'B' da versão 'original/transcrição' marcada em 1945, ou um tempo psicológico, mas ambos são caracterizados pela presença da noite, do silêncio e demais elementos primordiais para as narrativas de assombração.

Os locais dos casos são também muito representativos de narrativas de terror, pois rememoram uma casa que possui um passado sombrio, uma igreja abandonada ou o objeto proibido no ambiente familiar. Outro fator de destaque é a religiosidade recorrente na região do Vale do Jequitinhonha, descrita a partir da presença do padre exorcista, das almas penadas, dos objetos de valor pessoal ou objetos com possessão.

As narrativas orais significam, nos contextos educacionais, práticas de uso da linguagem que muitas vezes são menosprezadas em virtude de uma supervalorização das normas gramaticais. Destaca-se, porém, a importância das narrativas orais para a promoção do conhecimento e valorização da memória coletiva, plural e cultural, a fim que esses casos possam 'conquistar' os leitores hodiernos e, com isso, evitar que aconteça um apagamento da cultura local.

Valorizar as narrativas orais, portanto, implica entender e ampliar os conhecimentos acerca de outras formas de culturas, de outros grupos sociais, apresentando a possibilidade de aproximação entre mundos e sujeitos aparentemente

dísparos. Daí a importância desse tipo de trabalho com adolescentes em instituições de ensino.

## Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BORGES, G. C. C. A ideia de narrativa em Walter Benjamin e seus desdobramentos. **Revista Lampejo**, v.6, n.2, p. 63-77. Disponível em: [http://revistalampejo.apoenafilosofia.org/?page\\_id=1346](http://revistalampejo.apoenafilosofia.org/?page_id=1346). Acesso em: 20 de jul.de 2020.

BRANDÃO, C. R. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. Uberlândia: EDUFU, 2007.

BRUNER, J. **Realidade mental, mundos possíveis**. Porto Alegre: Artes Médicas,1998.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem**. São Paulo: Martins Fontes,2005.

ELIADE, M. **Origens**: história e sentido na religião. Lisboa: Edições 70, 1969.

\_\_\_\_\_. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

EVARISTO, C. **Becos da Memória**. 3ª ed. Rio Janeiro: Pallas,2019.

FABRÍCIO, B. F.; MOITA LOPES, L. P. Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v.6, n. 2, p. 11-29, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap012.pdf>. Acesso em: 10 de jul. de 2020.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GERALDI, J. W., GERALDI, C. M.; LIMA, M. E. **O trabalho com narrativas na investigação em educação**. In: Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 31, n. 01, p. 17-44, Janeiro-Março 2015.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Conferência em Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212. Esta conferência foi transcrita e traduzida por Monique Augras. A edição é de Dora Rocha. Disponível em: <http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadedesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 15 de jul. de 2020.

Recebido em 10 de agosto de 2020  
Aprovado em 25 de novembro de 2020